

LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA, CALAZAR CANINO

Agnes Nunes Nassimbem¹; Luís Henrique Romano¹.

¹Centro Universitário Amparense UNIFIA.

RESUMO

A Leishmaniose visceral canina (LVC) é uma doença infecciosa com características crônicas e zoonóticas, em que os cães são os principais hospedeiros de protozoários chagásicos em ambientes urbanos e rurais. Portanto, relatar o diagnóstico e tratamento de cães com Leishmaniose visceral canina, utilizando algumas alternativas como a ozonioterapia como suporte para o tratamento convencional entre outros é de suma importância. Do ponto de vista epidemiológico, o calazar canino é no Brasil, considerado mais importante que as doenças humanas, caracteriza o cão como o principal elo da família, como fonte de infecção, colaborando com propagação da doença. Dois aspectos são particularmente importantes para o desenvolvimento da doença no cão: a resposta imune do animal e a virulência da cepa de *Leishmania* inoculada pelo vetor. Os cães são considerados altamente susceptíveis a infecção por *Leishmania chagasi*, porém esta infecção não significa, necessariamente, que haverá desenvolvimento de doença.

Palavras chave: Leishmania, Calazar canino, Zoonoses, Métodos de tratamento.

INTRODUÇÃO

A Leishmaniose Visceral canina, conhecida como calazar canino, é uma doença infecciosa, sistêmica e de caráter zoonótico, considerada endêmica do ponto de vista epidemiológico, com os cães (*Cannis familiares*) como reservatório principal do parasito, sendo acometido pela parasitose através da picada do vetor de nome científico *Lutzomyia longipalpis* (mosquito palha). Ao picar o animal, o mosquito deposita em seu hospedeiro (o cão), o protozoário *Leishmania chagasi* os cães são totalmente susceptíveis a infecção por este), se tornando infectado por parasitismo cutâneo e sendo assim uma fonte de transmissão da doença.

A leishmaniose nos cães pode ou não se manifestar, tendo os hospedeiros sintomáticos e assintomáticos, de acordo com a resposta imune de cada cão e a virulência do parasito, podendo até mesmo se curar naturalmente ou se manifestar até sua forma grave e levar o cão ao óbito. Acomete tanto os cães de ambiente urbano como em ambiente rural. Essa doença não é transmitida de pessoa a pessoa, ou de animais para a pessoa e nem mesmo de animais para animais, com a forma de transmissão em meio natural, apenas pela a picada da fêmea de mosquito palha infectada pelo protozoário.

Essa protozoose é uma preocupação para a saúde pública e também um assunto que envolve polêmica, em especial, sobre os apontamentos e recomendações da vigilância da saúde pública, serviço de zoonose, a posição do governo e também sobre a posição da OMS. As recomendações quanto ao controle da incidência, a prevenção da doença limita-se apenas a “curar” os humanos infectados e “descartar” os animais infectados, considerado mais viável a eutanásia do que outras medidas que podem gerar mais gastos de cofres públicos para salvar a vida do animal, uma vez que enquanto o animal estiver infectado, ele ainda pode transmitir a doença.

Essas recomendações são abordadas no presente trabalho do ponto de vista de questionamentos sobre o que há de possíveis soluções utilizadas, ou não, atualmente, como coleiras, medicamentos, e vacina que, apesar de não serem medidas eficazes em 100% das situações de transmissão quando utilizadas isoladamente, poderiam atuar como repelentes dos insetos transmissores e estímulos da proteção imune do animal, fazendo assim com que a incidência em cães e humanos possa diminuir significativamente, justificando assim a importância do presente estudo.

DESENVOLVIMENTO

Observa-se que as infecções podem seguir tanto quadros com sintomas quanto casos assintomáticos. Quanto a infecção por calazar, os animais sintomáticos podem apresentar desde sintomas discretos, principalmente relacionados com a pele, passando por quadros de crescente comprometimento do organismo, até o estado final de caquexia e morte.

As primeiras manifestações clínicas são descamação da pele, perda de apetite e peso, opacificação do pêlo e, não raramente, alopecia com espessamento localizado na extremidade da orelha, que pode se estender para toda a cabeça e de forma acentuada para a região periorbital ou generalizada para o focinho extremidades do corpo (Neves, et al, 2005).

Nos animais assintomáticos a presença da infecção é determinada pela resposta sorológica positiva na pesquisa de anticorpos, principalmente IgG, e por vezes pela detecção do parasito em levantamentos epidemiológicos ou na clínica apresentam, quase sempre, baixos níveis de anticorpos, entretanto o exame parasitológico de pele (extremidade da orelha) revela parasitismo em cerca de 60% destes animais, dependendo da região, indicando que os cães assintomáticos são um importante elemento na cadeia epidemiológica da transmissão. Entre os cães assintomáticos, um porcentual apresenta cura espontânea, caracterizada pela negatificação dos testes sorológicos e a presença da resposta imune celular (Neves, et al, 2005).

De acordo com exames laboratoriais, as principais alterações hematológicas em cães *Leishmania* positivos em esfregaços de sangue são anemia, hiperproteïnemia, linfopenia, trombocitopenia,

neutropenia, eosinofilia, eritrócitos e leucocitose (Nascimento, et al, 2021). Em áreas endêmicas onde pode haver suspeita de leishmaniose, as alterações hematológicas são muito importantes para a vigilância e controle da Leishmaniose Visceral de acordo com o Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2006).

Sem apresentar ainda uma eficácia de 100% na cura, mas com possibilidade de terapia combinada, miltefosina, alopurinol e domperidona foram inicialmente usados e em seguida a terapia com ozônio foi administrada em intervalos de 7 dias.

Como resultado do tratamento de terapia combinada, observou-se que o paciente, o cão, apresentou melhora clínica e sintomática, principalmente do tecido cutâneo após a aplicação de ozônio e obteve resultados satisfatórios durante o tratamento, tornando-o estável ou fortalecer o sistema de células brancas do sangue. A terapia com ozônio também melhorou os achados clínicos e laboratoriais do paciente, mas, conforme demonstrado pela reação de cadeia da polimerase PCR, não reduziu a carga de parasitas (Borges F, Lima D, 2020).

Discussões sobre o que deve ser feito quando o cão é testado positivo é motivo de controvérsia, do ponto de vista da saúde pública, oferecer ao cão um tratamento, seja com ozonioterapia, coleiras com inseticidas e vacina, é uma possibilidade inviável por vários motivos que envolve o custo e a quantidade de animais a serem tratados. Do ponto de vista veterinário, o tratamento é possível, considerando a relação médico, paciente e proprietário.

Considerando que a principal forma de transmissão do parasito entre os animais é através da picada do mosquito palha, as medidas de controle da infecção devem ser voltadas para o transmissor. Medidas de proteção do ambiente onde vivem os animais, através do uso de inseticidas residuais, devem ser eficazes. Entretanto, nem sempre podem ser eficientemente aplicadas devido aos hábitos dos animais nas diversas funções que eles desempenham.

Animais que vivem fora das residências são mais expostos a contaminação. Assim, as medidas de controle dos insetos centradas no próprio animal podem ser uma solução promissora, como uso de coleiras impregnadas com inseticidas, banhos periódicos ou ainda uso de produtos parasiticidas com bases inseticidas e repelentes.

Existe ainda uma vacina contra a leishmaniose visceral canina registrada no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), porém, sem constatação de seu custo benefício e efetividade para o controle de quadros de reservatório da leishmaniose visceral canina em programas de saúde pública (Ministério da Saúde, 2006).

O uso de telas em canis individuais ou coletivos é recomendado, os canis de residências e, principalmente, os canis de *pet shop*, clínicas veterinárias, abrigo de animais, hospitais veterinários e os

que estão sob a administração pública devem utilizar telas do tipo malha fina, com objetivo de evitar a entrada de flebotomíneos e conseqüentemente a redução do contato com os cães.

Coleiras impregnadas com Deltametrina a 4%, em condições experimentais, diversos trabalhos demonstraram a eficácia na utilização, como medida de proteção individual para os cães contra picadas de flebotomíneos. Entretanto, para a sua adoção em programas de saúde pública, a fim de interromper o ciclo de transmissão doméstico, é preciso mais estudos para demonstrar sua eficácia de forma satisfatória (Ministério da Saúde, 2006).

CONCLUSÃO

A partir de pesquisas relacionadas a Leishmaniose Visceral em Cães, observa-se que, de acordo com a estratégia atual, é levado muito em conta o orçamento para os cofres públicos para combater a doença, onde de acordo com o 5º artigo da Constituição Federal do Brasil, não é obrigatória a eutanásia do cão soropositivo caso seu proprietário não esteja de acordo, onde o Poder Público pode ser indiciado sob Abuso de Autoridade.

O Direito dos Animais proclama que todos os animais tem direito a vida e devem ser cuidados, respeitados e amados, assim levando em consideração que deve ser avaliado minuciosamente cães soropositivos se realmente precisam ser eutanasiados depois de aplicar alternativas que podem ajudar no controle, como a vacina, a Ozonioterapia, mesmo não sendo 100 % eficientes comprovadamente, auxiliam na resposta imune do reservatório, as coleiras impregnadas de Deltametrina a 4 %, a qual se mostra a medida mais efetiva do que as outras citadas.

A Legislação atuando com mais rigor impede que a eutanásia em cães não seja mais trabalhada mecanicamente, onde é exposto que existem outras alternativas que podem ser eficazes antes do sacrifício do reservatório. Todas as partes envolvidas para controlar a disseminação da doença devem trabalhar com a mesma meta e eficiência, todos em uma mesma linha, onde a queda de incidência da Leishmaniose visceral em humanos e cães pode acontecer efetivamente e, os reservatórios em si respeitados de acordo com seus Direitos.

REFERÊNCIAS

Leishmaniose visceral em canino: abordagem diagnóstica e terapêutica convencional associada com a ozonioterapia – Relato de caso, Borges F, Lima D, *Pubvet* (2020) 14(11) 1-10.

Control of canine visceral leishmaniasis by euthanasia: Estimated effect based on a survey and mathematical modeling, [Costa D](#), [Codeço C](#), [Bermudi P](#), et al. See more, *Cadernos de Saude Publica* (2020) 36(2).

Alterações hematológicas em cães positivos para *Leishmania* spp em esfregaço sanguíneo, Nascimento J, Silva B, Santos C, et al. See more, *Pubvet* (2021) 15(3) 1-5.

Leishmaniose visceral humana: reflexões éticas e jurídicas acerca do controle do reservatório canino no Brasil, Pereira da Silva S, Ferreira-Vieira- Marques L, Coelho - Lamounier K, et al. See more, *Revista de Bioética y Derecho*(2017) 0(39) 135-151.

Serviços de Zoonose o seu papel na Vigilância em Saúde para Leishmaniose Visceral, Pereira de Souza C, Ferreira da Silva P, de Carvalho Moreno M, et al. See more, *COLLOQUIUM VITAE* (2019) 11(1) 24-32.

Parasitologia Humana, Neves, Davi Pereira, Alan Lane de Melo, Pedro Marcos Linardi, Ricardo W. Almeida Vitor, 11 edição, NEVES D, *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo* (1992) 34(4) 288-288 (2005).

Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral, MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica, 1.^a Edição, 3.^a reimpressão, Série A. Normas e Manuais Técnicos Brasília – DF2006.